

Apresentação: Léxico e Dialectologia

[...] a certa altura, o português perdeu o dono, quer dizer, ficou sem dono. Felizmente. E namorou, e namorou no chão, e namorou na poeira do Brasil, e namorou também aqui, na poeira de Moçambique. Quer dizer, sujou-se, no sentido que o Manoel de Barros dá. Sujou-se nesse sentido em que é capaz de casar com o chão (Extraído do filme: Línguas - Vidas em português, 2003).

Quando Mia Couto diz que a língua portuguesa ‘namorou com a poeira e foi capaz de se casar com o chão’, ele se refere a esse organismo vivo que é língua, que é capaz de se misturar, transformar-se e representar, por isso as áreas do Léxico e da Dialectologia são tão latentes aos estudos linguísticos. Ao namorar com a poeira produziu um léxico rico e, ao se casar com o chão ficaram evidentes os dialetos com sua dinamicidade: continuam a produzir novas poeiras no chão e esse chão é pluridimensional.

É sobre isso que fala este Dossiê: poeira e chão.

Neste sentido, temos a satisfação de apresentar a nossos leitores o presente Dossiê: Léxico e Dialectologia, áreas em franco desenvolvimento no Brasil, constituído por duas partes. A primeira incluiu trabalhos voltados exclusivamente para o tema Léxico e Dialectologia; são estudos descritivos sobre nuances da língua portuguesa e de línguas indígenas. Em um segundo momento, empreendemos os textos que abordam, de forma secundária, o tema proposto; são textos voltados às questões de: análises de materiais didáticos ou obras literárias e estudos sobre documentos oficiais. Cada artigo aqui reunido, em ambas as partes, apresenta informações sobre poeiras lexicais e chão dialetológico.

Para abrir o volume, temos o artigo “Boroca: indícios lexicais e geolinguísticos”, de Patrícia Andréa Borges e Greize Alves da Silva, que buscará a

gênese da lexia ‘boroca’, a partir das definições atribuídas pelos informantes do Atlas Topodinâmico e Topoestático do Tocantins e suas ocorrências pelo país, mostrando como uma atividade econômica, em particular o garimpo de Serra Pelada, espraia e cristaliza um vocabulário próprio, a maneira pela qual palavra chegou aos dias atuais e como suas ocorrências foram ressematizadas.

Segundo Auroux, em sua *Revolução Tecnológica da Gramatização*¹ (2014, p. 65), dicionários e gramáticas são as bases de “duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico”; esse é o tema do próximo texto: “Elaboración de una base de datos en XML para um diccionario bribri – español español – bribri em la web”, escrito por Haakon Krohn, que descreve a elaboração de um dicionário de uma língua indígena da Costa Rica consultável por meio de uma página HTML dinâmica na web e as decisões tomadas para estruturação dos verbetes.

O terceiro texto do Dossiê “A Variação na Concordância Verbal no Português Popular do Município de Lauro de Freitas-BA”, das autoras Polyanna Castro Rocha Alves, Sigrid Rochele Gusmão Paranhos Magalhaes e Valéria Viana Sousa, propõe a análise da variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural no português popular da referida cidade baiana, a partir recorte linguístico e extralinguístico. A variedade linguística brasileira é grande e complexa e o estudo se propõe a nos apresentar os desafios de se compreender o atual quadro linguístico brasileiro. Em se tratando do tema em pauta, os autores relatam que os fatores linguísticos são condicionadores preponderantes na variação dessa concordância verbal.

Em “Macaxeira e mandioca na região Norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do ALiB”, de Valter Pereira Romano, serão apresentados designativos para o conceito da raiz comestível e da não comestível (mandioca brava),

¹ AUROUX, Sylvan. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

além da distribuição das variantes nos estados que compõem a região Norte do país, demonstrando que o Tocantins destoa dos demais estados nortistas.

O próximo artigo, de Vanessa Yida, “Canjica ou curau com coco: descrevendo a norma lexical do português brasileiro a partir dos dados do ALiB”, propõe a discussão sobre a configuração de uma norma geral e normas regionais a partir da descrição e análise da distribuição diatópica de variantes lexicais registradas no caso específico de ‘canjica e curau com coco’ em 250 localidades do território nacional.

O texto sobre “Composições neológicas de padrão X-relâmpago no português brasileiro contemporâneo”, de João Henrique Lara Ganança, apresenta a pesquisa sobre os estudos neológicos atuais em padrões composicionais de subtipos subordinativos formando neologismos, em especial com o sintagma ‘relâmpago’ metaforizado.

A toponímia faz parte da ‘poeira e do chão’ deste Dossiê, por isso, o artigo “O hagiotopônimos na macrotoponímia: os municípios brasileiros”, escrito por Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias e Marilze Tavares, se dispõe a analisar os nomes de cidades que homenageiam santos católicos, a partir de um panorama de ocorrência nos municípios brasileiros por meio de dados disponíveis pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; evidenciam também as autoras os locais em que essa motivação é mais proeminente.

O artigo seguinte “Metodologia de estudos do contato linguístico no norte do Mato Grosso” apresenta a metodologia de pesquisa utilizada na tese de doutorado de Maria José Basso Marques intitulada “Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no Norte de Mato Grosso”, trazendo à discussão os aparatos teóricos da Dialetoleologia Pluridimensional e as especificidades agregadas à escolha dos critérios da pesquisa em destaque.

O próximo texto apresenta nuances dialetais sobre duas brincadeiras infantis em: “Origens e brincadeiras: uma análise topodinâmica sobre os falares no estado do Tocantins sobre as variantes ‘bolinha de gude’ e ‘amarelinha’”. Foi interesse dos autores Michele Lima Nascimento, Dimas Henrique Pereira de Oliveira Silva e Greize Alves da Silva demonstrar que as formas lexicais do universo das duas brincadeiras estão atreladas a uma identificação sociodialetal do Tocantins com a região Nordeste brasileira.

Seguindo a tônica lexical, tem-se o texto de autoria de Romário Sanches e de Carlene Salvador “De pouca telha a mão de neném: fraseologismos no Atlas Linguístico do Amapá”, cujo objetivo foi analisar as unidades fraseológicas coletadas pelo ALAP, a partir de critérios estabelecidos pela Fraseologia, tais como: polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade e, neste sentido, propor um cartograma fraseológico.

Encerrando a primeira parte, destacamos a quantidade significativa textos aprovados com outras temática - ensino/aprendizagem de línguas (indígena e portuguesa), vertentes discursivas e áreas e que abordam o léxico ou a dialetologia de forma enviesada e, neste sentido, empreendemos uma seção de artigos de temática “semi” livres, como se verá adiante.

Iniciando a Seção Livre do Dossiê, ainda sobre estudos lexicais e dialetais na região Norte, destaca-se o artigo “Duas ortografias, uma línguas: as variedades Karipuna e Galibi-Marworno do Kheuól do Uaçá”, escrita por Gelsama Mara Ferreira Santos e Glauber Romling da Silva que demonstra como se deu o processo de consolidação de duas ortografias distintas para os Karipuna e os Galibi-Marworno, povos indígenas que habitam territórios localizados em Oiapoque, estado do Amapá. Observa-se que a confecção das duas ortografias teve como premissa a reafirmação dos

aspectos identitários e culturais de ambos os povos, que sofreram ao longo dos anos com políticas de “integração nacional”.

O segundo texto desta Seção é intitulado “Antonímia: uma análise contrastiva entre dicionários escolares e livros didáticos”, cuja autora Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves verifica como a antonímia é abordada em uma coleção de livros didáticos e dicionários escolares, posto que ambas as ferramentas são amplamente utilizadas nas escolas públicas brasileiras.

Em: “A construção de sentidos da lexia *canibalismo* no Jantar Secreto, de Raphael Montes”, de João Vitor de Paula Souza e Angélica Karim Garcia Simão, terceiro texto, evidenciam-se os diferentes sentidos atribuídos a ‘canibalismo’, sejam eles nas esferas jurídica, antropológica ou midiática. Os autores analisam as construções lexicais sob um olhar discursivo, concluindo, a partir da obra, e em outros fragmentos analisados, a associação entre ‘canibalismo’ com ‘loucura’ e ‘crime’ na construção da narrativa.

Em seguida, de autoria de Wesley Mateus Dias temos o trabalho “A abordagem da variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa no ensino médio” que analisa como o tema *variação linguística* é retratado em coleção específica de livros didáticos. No recorte selecionado pelo autor, demonstra-se que o tema variação é retratado de forma satisfatória na coleção, cumprindo o que se preconiza para o ensino médio: o trabalho contínuo.

Por fim, encerrando a Seção Livre, o texto “Variação Linguística e BNCC: um olhar para o ensino médio”, de Bruna Lorryayne Dias Menezes, Dalve Oliveira Batista-Santos e Greize Alves da Silva, teve por objetivo discutir como a Base Nacional Comum Curricular sugere o trabalho com a variação linguística. Segundo as autoras, indica-se na BNCC que a variação deve ser trabalhada pelo professor em todos os contextos das aulas de Língua Portuguesa, posto que o aluno deve refletir sobre a

dinamicidade da língua, em que se encontram as variedades de prestígios e a estigmatizadas, pois assim haverá respeito e menos preconceito linguístico.

Todos os textos deste volume contribuíram sobremaneira aos estudos linguísticos, em especial aos estudos lexicais e dialetológicos brasileiros. Por isso, gostaríamos de agradecer a todos os autores por pesquisarem, em tempos pandêmicos tão difíceis, temas tão instigantes e por cooperarem de forma enriquecedora à educação do país, fortalecendo a pesquisa científica e trazendo à luz reflexões metalinguísticas importantes. Obrigada por fazerem ciência de ‘poeira e chão’.

Desejamos a todos excelente leitura!

Greize Alves da Silva

Patrícia Andréa Borges